

CONCEPÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICÓLOGOS DO VALE DO RIBEIRA

Michely Studemoth Sampaio¹
Luciana de Queiroz Ferreira²

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada que teve como objetivo compreender as concepções de gênero e de sexualidade na atuação profissional de psicólogos do Vale do Ribeira. Compreendendo que o psicólogo, independentemente de sua área de atuação, está frequentemente sendo interpelado por questões relacionadas a gênero e sexualidade e que, devido ao seu papel social e a ética pertinente a sua atuação, pode e deve contribuir para o esclarecimento destas questões, bem como para a superação de preconceitos, é relevante compreender e identificar em suas práticas cotidianas as concepções que os atravessam, refletindo na atuação profissional dos mesmos e possíveis silenciamentos acerca do tema. Tomando como base para a análise dos discursos (dados coletados), as perspectivas de gênero e de sexualidade existentes na literatura, após revisão bibliográfica acerca do tema, foi empregada a Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux, apresentando através das formações discursivas, as representações individuais do sujeito e do assunto abordado e identificando assim nos resultados, a predominância de uma perspectiva da concepção de sexualidade mais essencialista em seus discursos. Porém, com relação ao gênero, os discursos se aproximaram de concepções mais construtivistas.

Palavras-Chave: Concepções; Gênero; Sexualidade; Atuação; Psicólogos.

1. INTRODUÇÃO

O campo das ciências humanas, sobretudo, o da psicologia, tem se desdobrado para tentar dar conta de compreender e explicar os diversos significados que vêm sendo construídos sobre gênero e sexualidade. Mas esse tema é palco de diversas disputas ideológicas, sociais, religiosas e até mesmo políticas (FOUCAULT, 1998; PAIVA, 2008;

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira –Registro/ SP

² Docente e Orientadora do Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro – SP

VANCE, 1995). Louro (2008) identifica a multiplicidade dos modos de compreender, dar sentido e viver esses conceitos, sendo a psicologia frequentemente convidada a pensar sobre estas questões.

No que se refere à formulação e a disseminação destes discursos dentro das ciências humanas, o profissional da psicologia é eleito o principal locutor destas discussões (BORGES et al, 2013), e pelo senso comum, como o mais apto a trabalhar com a sexualidade (PAIVA, 2008). Silva (2020), em contrapartida, argumenta que durante a formação em psicologia este conteúdo é abordado de forma marginal, aparecendo de maneira paralela a outros.

Na produção acadêmica não é diferente, há uma escassez de trabalhos direcionados a temática de gênero e sexualidade como as pesquisas apresentadas por Borges et al (2013) e por Narvas (2009) anteriormente, que confirmaram a invisibilidade do gênero nos discursos psicológicos. A invisibilidade da temática possibilita dentro das diversas práticas profissionais a disseminação de preconceitos e inverdades a respeito do tema (SILVA, 2020).

Considerando que segundo a Resolução CFP nº 001/99 “o psicólogo pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999, p. 3), torna-se relevante compreender e identificar nas práticas cotidianas dos psicólogos, as concepções que os embasam, bem como os silenciamentos dos discursos de gênero e sexualidade que refletem nos conhecimentos produzidos por estes profissionais.

1.1 A CONSTRUÇÃO DAS PERSPECTIVAS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE

Alguns estudos foram essenciais para o desenvolvimento dos discursos envolvendo esta temática, desde Simone de Beauvoir, em seus escritos do famigerado “segundo sexo”, até os postulados de Foucault em “história da sexualidade” onde o autor reconstrói desde o século XVI como a busca pela verdade compulsória tornou o falar do sexo um ‘dispositivo de poder’ na sociedade (FOUCAULT, 1998).

Carole S. Vance (1995) faz um levantamento das origens dos estudos sobre a sexualidade e suas implicações teóricas em “A Antropologia Redescobre a Sexualidade”, produzindo uma investigação minuciosa dos discursos e correntes teóricas acerca do tema. Jeffrey Weeks (2000), também remonta uma breve discussão sobre a sexualidade no intuito de compreender as relações de gênero e a produção do discurso da sexualidade, dando ênfase

especificamente a construção da ‘homossexualidade’ na sociedade.

Alguns contextos foram imprescindíveis para que pesquisas que envolvessem essas temáticas surgissem com maior frequência, a exemplo disso, a epidemia de AIDS nos anos 80 (PAIVA, 2008; VANCE, 1995; WEEKS, 1995), fomentou uma grande parcela de estudos a respeito da sexualidade, apesar da doença, ajudar a aumentar exponencialmente o discurso discriminatório e de preconceito das ‘práticas homossexuais’ e da população LGBTQIA+ (PAIVA, 2008).

Os estudos feministas também impactaram de maneira profunda a produção vigente de discursos naturalizantes de gênero, que postulavam o sexo de forma bipolar e estável. Ao dedicar sua abordagem de análise crítica e “autorreflexiva” à neutralidade e impessoalidade dos princípios positivistas, os estudos feministas constituíram bases fortes para comprovar que os discursos mais essencialistas se assumiam equivocadamente apolíticos (NOGUEIRA, 1999). Estes estudos investigaram, entre outras questões, as questões de gênero e as categorias estabelecidas nos discursos psicológicos, além de investigar como as teorias ligadas à reprodução acabavam por naturalizar a subordinação das mulheres (BUTLER, 2000; VANCE, 1995;).

Mas é injusto dizer que a preocupação com a definição da sexualidade é recente, o interesse por compreender esse conceito é antigo e remonta a busca pelo conhecimento do ser humano em si. Pode-se inferir a existência de duas correntes de pensamentos que buscam compreender tanto a sexualidade como o gênero de forma predominante, sendo divididas em perspectivas essencialistas e construcionistas. Nos dois casos precisando de um olhar individual para como cada marcador é operado pelas perspectivas que o definem.

1.1.1 SEXUALIDADE

Weeks (2000) faz essa separação entre essencialismo e construcionismo no que tange à sexualidade, pontuando que “o essencialismo é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência anterior.” (Weeks, 2000, p. 41). Ou seja, essa abordagem acredita em uma sexualidade inerente aos corpos que a produzem, como impulsos sexuais ou força natural que leva a uma ação final, independente do ambiente ou de fatores determinados histórica e socialmente (BORGES et al, 2013). Já o construcionismo social é a abordagem historicamente orientada em que:

[...] só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e a sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem a importância atribuída à sexualidade num momento particular, compreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto

como um comportamento normal ou anormal; aceitável ou inaceitável.” (Weeks, 1995, p. 41).

Este discurso que começou a ser construído a partir dos estudos de Foucault, grande precursor dos estudos da história da sexualidade, e de sua desnaturalização, foi reformulado a partir dele como produto de um discurso sistematicamente organizado e articulado como dispositivo de poder na sociedade. (FOUCAULT, 2021; PAIVA, 2008; WEEKS, 2000).

1.1.2 GÊNERO

O gênero ganha destaque nas discussões científicas, a partir do momento em que o movimento feminista tenta desvinculá-lo do sexo e da sexualidade, propondo uma categoria distinta de análise (VANCE, 1995; BUTLER, 2003). A perspectiva empiricista que se baseia nas abordagens essencialista e de socialização definem o gênero enquanto uma categoria de diferenças inatas entre os sexos, onde este é definido de forma bipolar e estável através de características biológicas, que são estabelecidas geneticamente e de forma determinada (BORGES et al, 2013; NOGUEIRA, 1999). A abordagem de socialização, compreende o gênero enquanto algo aprendido socialmente, influenciado pelo seu contexto, e reitera a importância dos papéis sociais internalizados sobre ser homem e mulher na sociedade (BORGES et al, 2013). Mas não é suficiente para quebrar com a dicotomia entre dois pólos, sendo que gênero ainda é visto a partir desses dois locus de diferenciação.

A perspectiva construcionista pós-moderna, por fim, impulsionada pelos escritos de Butler, fazem esforços para romper com essa determinação bipolar. A autora, vê gênero enquanto uma construção social do sexo, e que este, está intrinsecamente ligado a uma performatividade do gênero. Nesta implicação, as práticas discursivas, produzem efeitos nos corpos, marcando-os enquanto funções de diferenças sexuais, que regulam como esses corpos devem se comportar (BUTLER, 2000). A respeito disso:

“[...] a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular, ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.” (BUTLER., 2000, p. 152).

Ou seja, o gênero é marcado pelas diferenças sexuais em que se inscreve, mas a própria materialidade desses corpos em um sexo que o regula, também é questionada em sua naturalidade. A autora, ao longo de seus estudos tenta demarcar que mesmo o sexo que

delimita as diferenças sexuais, também é descrito através de um discurso, produzindo efeitos na materialidade do corpo e sucessivamente no gênero que posteriormente sobre ele performa. (BUTLER, 2000).

Os estudos construcionistas pós-modernos, são perspectivas que tendem a romper com as, até então, ideias cristalizadas de gênero e de sexualidade, podendo ser vistas como uma continuidade dos primeiros estudos essencialistas. Contudo, esse pensamento não é unanimidade, já que as perspectivas essencialistas ainda predominam em boa parte dos discursos acadêmicos e científicos (VANCE, 1995).

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da União das Instituições de Serviço, Ensino e Pesquisa – UNISEPE de Amparo, sob o parecer nº 5.636.829, no dia 12 de setembro de 2022, no Vale do Ribeira-SP. O público-alvo da pesquisa foram os psicólogos atuantes no Vale do Ribeira-SP, recrutados a partir do convite feito através de um grupo de WhatsApp de “Psicólogos do Vale”. Todas as quatro participantes, se consideram do gênero feminino. A princípio, seriam selecionados três participantes, que tivessem interesse na participação para a pesquisa, tendo como critérios de elegibilidade a variedade de área de atuação e o tempo de atuação, excedendo três anos. Porém, no momento de recrutamento, com a disponibilidade e interesse dos participantes, surgiu a oportunidade de realizar com dois participantes atuando há mais de três anos e dois com menos de três anos, decidindo-se por adicioná-los na pesquisa e mudar os critérios de recrutamento iniciais.

O Vale do Ribeira foi o recorte geográfico tão somente pela proximidade do pesquisador com o objeto de pesquisa. As entrevistas foram feitas majoritariamente de forma online, sendo três online e somente uma presencialmente, a partir da disponibilidade da mesma em realizá-lo desta forma, e também o envio do TCLE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Foram gravadas com um aplicativo de dispositivo móvel, solicitando-se ciência e consentimento dos participantes e posteriormente parcialmente transcritas e analisadas diante da revisão bibliográfica prévia e de acordo com a Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux. Nesta análise, a partir das entrevistas, buscou-se compreender como as formações discursivas das entrevistadas se constituem, e como elas apresentam a relação entre sujeito e ideologia (BRASIL, 2011),

Por se tratar de uma pesquisa, onde o objeto de estudo estava relacionado à

compreensão das percepções dos sujeitos sobre determinado tema e, que este faz parte da subjetividade e das particularidades desses indivíduos, optou-se pela pesquisa qualitativa. No intuito de favorecer o aparecimento destes discursos, o instrumento empregado para coleta de dados foi a entrevista estruturada, de acordo com um roteiro de entrevista pré-estabelecido e utilizado durante as entrevistas, onde as participantes puderam expressar suas concepções acerca de gênero e sexualidade e apresentar como as ideologias se contrastam com suas atuações profissionais, utilizando-se para isso do método da análise do discurso. Sendo assim, através das formações discursivas, o sujeito do discurso, trouxe representações individuais, que falavam a respeito não só de si mesmo, mas também do assunto abordado (BRASIL, 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos discursos obtidos durante as entrevistas, foi possível perceber que dentre as psicólogas entrevistadas, todas já vivenciaram alguma situação em que as questões de gênero e sexualidade estiveram envolvidas em suas experiências profissionais. Essa realidade ilustra o que o Conselho Federal de Psicologia (2001) destaca no código de ética do psicólogo, em suas considerações iniciais, quando aborda que o psicólogo, independente de sua área de atuação, é frequentemente interpelado pelas questões que envolvem sexualidade. Evidencia-se o quanto estas questões estão presentes nas diversas áreas dos psicólogos, representados por essas entrevistadas, que trabalham atualmente nas áreas da saúde, social e clínica.

3.1 CONTEXTOS EM QUE AS SITUAÇÕES ENVOLVENDO AS QUESTÕES DE GÊNERO OU DE SEXUALIDADE SE APRESENTAM

Um dos contextos em que as questões de gênero ou de sexualidade foram apresentadas na prática profissional relatada pela Psicóloga 3 (P.3), foi na área da assistência social, na realização de grupos de convivência, em que a profissional percebeu a necessidade de abordar o assunto. Tal necessidade foi percebida pela psicóloga, por acreditar que alguns participantes pudessem se identificar com o tema proposto. Em suas palavras, havia participantes dos grupos:

“que tinham um jeitinho, mais diferente, que eu falei, não sei, pode ser que sejam gay [...] E tinha uma menininha também, que ela era, dava a impressão que ela poderia ser gay também” (sic). (P.3)

Este discurso privilegia um pouco os aspectos físicos e descritivos da orientação sexual, que segundo Weeks (2000), compreende na expressão do corpo uma verdade fundamental sobre a sexualidade. Nesse sentido, a fala descrita acima, parece se aproximar dessa premissa, contemplando dentro da orientação sexual, características físicas que a representam de alguma forma.

No contexto clínico, a psicóloga 2 (P.2) apresenta sua experiência na qual se deparou com situações onde as questões de sexualidade, eram a principal causa de sofrimento, sendo que, em muitos casos, estavam relacionadas a traumas infantis, em que indivíduos sofreram abusos sexuais durante a infância e relataram ter uma relação com a prática sexual de forma abusiva pelo parceiro. A exemplo: *“A maioria são mulheres pela falta de conhecimento, a falta de ser falado, o tabu sobre a mulher”* (sic). (P.2).

Foucault (2021), já demarcava a organização de silêncios acerca da sexualidade como um mecanismo das produções discursivas, demarcando aquilo que deve ou não ser dito, que sabiamente torna-se oculto para formular uma verdade sobre o sexo, um dispositivo de poder. Neste sentido, o discurso da psicóloga 2, denuncia esses silenciamentos, apontando neste caso, que a mulher, em suas percepções foi alvo, destas proibições, permanecendo fora do círculo dos que podem discursar ou conhecer sobre o sexo, ou a sexualidade.

A psicóloga 4 (P.4), traz sua experiência na área da assistência social, na qual situações onde questões de gênero estavam atravessadas, na hora de realizar o atendimento do usuário, a partir de outros funcionários, impactando na qualidade do atendimento e abordando seu incômodo com a forma pela qual são realizados alguns atendimentos quando essas questões estão atravessadas, produzindo uma *“diferença na tratativa, mesmo que inconsciente”* (sic). (P.4).

Ao abordar outro caso onde a questão de gênero estaria envolvida, a mesma descreveu:

“Também tem uma adolescente, que ela tá se vestindo de forma considerada mais masculina [...]e aí ela raspou o cabelo, usa bermuda larga, camiseta, e aí já ouvi, ah, mas você era tão mais bonita, quando você deixava seu cabelo comprido, quando você se vestia igual menininha” (sic). (P.4).

A internalização de prescrições para o ser masculino, de acordo com normas da sociedade, de modelagem e de imitação, para a perspectiva construcionista se converge num resultado tanto de forças sociais como culturais para constituir o gênero (NOGUEIRA, 1999).

Em sua fala, A (P.4) parece se apropriar dessas ideias construcionistas, ao argumentar que as roupas que o indivíduo estaria utilizando apresentavam características consideradas mais masculinas, ou seja, que não eram definidas naturalmente enquanto masculinas, mas sim, a partir de um modelo considerado masculino.

Também na área da saúde, no contexto clínico, a psicóloga 1 (P.1), apresentou suas vivências com as questões de gênero, mais especificamente com um processo de transição de sexo, onde a principal questão de sofrimento, segundo ela dizia respeito ao embate com a sociedade, na luta para se sentir aceito, para ultrapassar as barreiras que a sociedade impõe. Dentro de seu relato sobre o caso pareceu apresentar um discurso neutro com relação a sua visão sobre gênero e sexualidade, citando atender pessoas, considerando que as questões envolvendo gênero e sexualidade não apresentavam diretamente para ela diferenças em sua tratativa, ou no atendimento, a não ser que esta seja uma questão para o sujeito.

3.2 A PERCEPÇÃO DO PREPARO OU DESPREPARO AO LIDAR COM QUESTÕES DE GÊNERO OU DE SEXUALIDADE

As psicólogas entrevistadas, de maneira geral, relataram não sentir necessidade de repensar a condução da terapia ou do manejo profissional na hora de atender ao deparar-se com questões de gênero ou de sexualidade em suas atuações profissionais. Argumentaram que continuamente estudam os casos, para poder atender adequadamente ao paciente ou usuário, atualizando-se. Uma delas afirma que em sua percepção essas questões não interferiam diretamente em seu manejo profissional, justificando: *“Não, a minha abordagem é fenomenológica-existencial, como disse, atendo pessoas, sempre flui bem com isso, não tive problemas.”* (sic) (P.4).

Com relação à atuação profissional, algumas das participantes argumentaram não terem se sentido inseguras ou sem respaldo para atuar em situações em que questões de gênero e sexualidade estivessem envolvidas. Outros relatos, já abordaram certa dificuldade em algum momento para lidar com a questão principalmente pelas questões envolvendo siglas e pelas ampliações das questões que envolvem gênero e sexualidade atualmente, sempre surgindo novos conhecimentos a respeito do tema a serem estudados. Atualmente somente uma das psicólogas se percebe ainda insegura para lidar com essas questões, que envolvem transgeneridade, principalmente as discussões que envolvem a construção de gênero e a necessidade de se identificar em uma identidade de gênero feminina ou masculina. A mesma relata:

“Ainda tenho, eu acabo lendo bastante, vendo bastante, mas eu sinto uma dificuldade talvez na parte de pessoas trans, crianças trans [...], até que ponto, isso realmente, é necessário medicalizar, e até que ponto essa construção social do que é gênero, do que é homem do que é mulher, faça com que essas pessoas tenham que passar por um processo de achar que precisa passar por uma transição, de se identificar com uma outra coisa, por que se não fosse a construção social que a gente tem de gênero, que essa roupa é de mulher, que essa roupa é de homem, a pessoa seria livre para se vestir do jeito que ela acha [...]”. (sic). (P.4).

Em seu discurso, a (P.4) se aproxima das concepções da Butler (2000, p. 151) quando aborda que há um: “processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas.” Conceituando essa performatividade do gênero que é sempre reforçada na sociedade e reproduzida sucessivamente, demarcando aquilo que é do feminino e do masculino. Aqui a entrevistada também tem um discurso que busca compreender as questões de gênero como construções, e aborda essa linha de pensamento em seus argumentos, na hora de pensar as questões de transgeneridade.

3.3 AS CONCEPÇÕES SOBRE GÊNERO

As psicólogas entrevistadas apresentaram em seus discursos duas concepções sobre gênero. Uma dessas concepções é a divisão natural entre os gêneros feminino e masculino, sendo o indivíduo, impelido somente a escolher a partir desses dois, o gênero pelo qual se identifica. (BORGES et al, 2013) Uma das entrevistadas afirma: *“O gênero é mais fechado. A gente sabe que tem dois gêneros, feminino, masculino [...] (sic).*

Na mesma linha de raciocínio, outra psicóloga entrevistada também aborda sobre sua concepção: *“gênero, é como você se entende, de gênero feminino, masculino, e acho que é isso, tipo, eu me entendo como uma mulher, eu sou do gênero feminino.” (sic).*

Os dois relatos se aproximam de uma perspectiva empírica, com base nas abordagens de socialização que apesar de definir o gênero de forma bipolar, e através de características biológicas, entende que os comportamentos dela advindos são aprendidos e reforçados através do convívio na sociedade. (BORGES et al, 2013; NOGUEIRA, 1999). Os dois discursos tentam se afastar do gênero enquanto algo ligado ao sexo biológico, inerente aos corpos que o distinguem, mas apesar disso, ainda possuem uma visão bipolar sobre o gênero, identificando a existência dessa bipolaridade enquanto caminho para identificação de uma identidade de gênero.

Já a segunda perspectiva apresentada nos discursos de algumas das entrevistadas é o construcionismo, onde há a performance de um papel social, da qual nos identificamos e reproduzimos. (BUTLER, 2000).

Uma destas descreve gênero como *“[...] uma construção social, eu fiz uma palestra esses dias sobre identidade de gênero, e falei mais isso, gênero nada mais é que uma construção social” (sic).* Outra entrevistada relata de maneira semelhante que *“gênero, eu compreendo como a pessoa se identifica em um papel, como ela se vê dentro de vestimentas,*

de ações de comportamentos, mais a ver com o jeito de ser.” (sic).

Nestes discursos, podemos ver a base de uma perspectiva construcionista pós-moderna, onde Butler (2000), vê gênero enquanto uma construção social do sexo, e que este, está intrinsecamente ligado a uma performatividade do gênero, ou seja, uma reprodução do que é socialmente concebido enquanto feminino e masculino, marcando-os enquanto funções de diferenças sexuais.

3.4 AS CONCEPÇÕES SOBRE SEXUALIDADE

Com relação às concepções de sexualidade apresentadas no discurso das entrevistadas, foi possível perceber a predominância da percepção da sexualidade enquanto orientação sexual, de maneira geral, como a pessoa se relaciona a partir do sexo, ou seja, diante de quem sente atração. *“E aí, orientação sexual é de quem você gosta, eu disse que sou cis, porque sou heterossexual e porque sou uma mulher nascida mulher e que gosta de homem.” (sic).*

Seguindo uma percepção parecida outra entrevistada relata:

“A sexualidade é a atração, a orientação sexual. Eu posso ser uma mulher transgênero, e gostar apenas de mulheres, ou só de homens ou os dois, uma coisa não anula a outra. [...] E a sexualidade é orientação sexual é por quem você se sente atraído.” (sic).

Pode-se influir dentro desses discursos que as considerações feitas se aproximam de uma perspectiva essencialista da sexualidade, o sexo sendo considerado, uma natureza essencial, a partir de impulsos, inerentes a um corpo e hormônios que sobre ele direciona a uma ação sexual. (BORGES, 2013). Weeks (1999), argumenta que a sexualidade está tanto no nosso corpo físico, quanto nas nossas crenças e ideologias sobre ela. Tem-se nas considerações sobre sexualidade, efeitos em suas próprias vivências, o falar sobre sexo, produz no sujeito, efeitos na relação com a sua vivência da sexualidade.

Surgiram também discursos sobre a sexualidade enquanto um aspecto mais amplo, um contexto geral que vai desde o sexo biológico em si, até a maneira como o indivíduo se relaciona com o próprio corpo e também dentro das relações sexuais que mantém, contemplando a orientação sexual, mas não se restringindo somente a ela:

“A sexualidade é muito ampla, quando a gente fala em sexualidade, não estamos falando em orientação sexual, disfunções, estamos falando sobre um contexto geral, sexualidade.” (sic). (P.2) “[...] acho que é uma coisa que a gente precisava trazer mais como natural, e a gente tem ainda muitos tabus, muitas coisas que impedem, tem muita resistência, as pessoas vão falar de sexo, ah, gente vai falar de sexualidade, vai falar de sexo, e não é isso, é a gente ter consciência sobre falar de como é o corpo, do que eu sinto, para que serve, acho que falta nesse sentido.” (sic). (P.4)

Weeks (1999), argumentou sobre sua preocupação de que a sexualidade ultrapassasse as barreiras do corpo e que o corpo biológico não fosse somente o único marcador do sexo, ainda que afirmasse que o corpo delimitasse dentro dele aquilo que era sexualmente possível. E nesse sentido, parece haver uma preocupação, nestas duas últimas falas, com a necessidade de ultrapassar também, essa barreira corpórea do que é sexo.

Entretanto as concepções abordadas sobre sexualidade, não aparentam discorrer sobre uma construção da sexualidade, que a desnaturaliza, circunscrevendo que a produção do que é sexualidade parte de um conhecimento que é produzido na linguagem, ou seja, uma perspectiva mais construcionista (BORGES, 2013). Foucault (2021), remontou as origens da história da sexualidade, como um dispositivo de poder, através da determinação do que é ou não é lícito, da construção daquilo que se oculta ou compulsoriamente se fala sobre o sexo, apresentando uma verdade sobre a sexualidade. Ou seja, para ele, a sexualidade se dá a partir dos discursos que dela se produzem, assim sendo questionada em sua naturalidade. Até mesmo a homossexualidade, nesse locus é posta em xeque, já que também se constitui através de uma produção sócio-histórica, fato que Weeks (2000) também abordou, em seus escritos, quando argumenta que colocar esses indivíduos em ‘posições-de-sujeito’ especificando em características e atividades é um fenômeno histórico.

E sobre essa perspectiva, os discursos dos participantes ficaram mais distantes, demarcando uma concepção sobre sexualidade que se apresenta de maneira mais essencialista, como um aspecto natural e inerente dos corpos que o produzem, sendo o indivíduo somente levado a correspondê-lo de alguma forma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções existentes no imaginário e nos discursos dos psicólogos sobre gênero e sexualidade são importantes demarcadores daquilo que é ou não é gênero ou sexualidade, já que seus discursos têm o poder de influenciar aquilo que vai ou não ser produzido dentro da área acadêmica e científica e também de como se comportam frente às situações onde estas questões estão atravessadas. “São dotados da capacidade de constituir o próprio campo discursivo, efetuando versões, redefinições e omissões sobre o que ele transporta” (BORGES, 2013). Cabe ao psicólogo, eleger aquilo que vai ser produzido ou não enquanto conhecimento (NOGUEIRA, 1999), por essa razão, suas concepções sobre determinado assunto influenciam diretamente na produção ou silenciamento deste dentro da sociedade. A pesquisa foi realizada

com indivíduos que demonstraram interesse e disponibilidade para participar da pesquisa, podendo inferir que o tema para estes participantes é ao menos receptivo, ou seja, as questões de gênero e de sexualidade não são um tabu. Os indivíduos, aos quais, talvez o tema possa ser uma dificuldade ou haja uma barreira maior em abordar o tema proposto não foram contemplados, o que produz questionamentos quanto aos resultados que poderiam aparecer caso tivessem sido contemplados. A partir das entrevistadas realizadas, foi possível compreender, como esses discursos aparecem nas experiências profissionais das psicólogas que se dispuseram a participar destes estudos e como elas se articulam com o tema abordado, apresentando suas concepções sobre gênero e sexualidade atuais e através delas a predominância de uma perspectiva essencialista sobre a sexualidade, e ao menos uma tentativa de desconstruir a ideia de gênero enquanto natural e inerente ao sexo biológico, aproximando-se de ideias mais construtivistas, ou quando não, ideias essencialistas com base na socialização.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. Eu caçador de mim: pensando a profissão do psicólogo. In: SPINK, Mary Jane. (org.) **O conhecimento no cotidiano**: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. cap. 6, p. 280-291. ISBN 85-11-15057-9.

BORGES, L. et al. **Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia**: revendo conceitos, repensando práticas. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2013, v. 33, n. 3], pp. 730-745. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300016>>. Epub 29 Out 2013. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300016>. Acesso em: 01 fevereiro 2022.

BUTLER, J. *Corpos que Pesam*: sobre os limites discursivos do “Sexo”. LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. cap. 6, p. 151-167. ISBN 85-86583-33-2.

BRASIL, L. L. **MICHEL PÊCHEUX E A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO: DESDOBRAMENTOS IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DE UMA TIPOLOGIA**

DISCURSIVA DOI: 10.5216/lep.v15i1.25149. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 15, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o)**, 2021.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: 1. A vontade de Saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra,2021. ISBN 978-85-7753-450-0.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 2, pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>>. Epub 17 Set 2010. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>. Acesso em: 01 março 2022.

NARVAS, M. G. **A(in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica**: Onde os Discursos Fazem(se)Política. Orientador: Silvia Helena Koller. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia., Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18884>. Acesso em: 11 março 2022.

NOGUEIRA, C. **Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero**. Cadernos de Pesquisa [online]. 2001, n. 112, pp. 137-153. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000100007>>. Epub 13 Dez 2005. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000100007>. Acesso em 11 março 2022.

PAIVA, V. **A psicologia redescobrirá a sexualidade?** Psicologia em Estudo. 2008, v. 13, n. 4, pp. 641-651. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/64cZ3VhdyLrpf6FzS8t95Mc/?lang=pt>>. Epub 17 Mar 2009. ISSN 1807-0329. Acesso em 01 fevereiro 2022.

SILVA, L. R. **Psicologia e sexualidade**: uma análise da formação acadêmica a partir dos atravessamentos da (in)visibilidade de gênero e diversidade sexual nos currículos. Orientador: Ricardo Desiderio da Silva. 2020. 106 p. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras(FCLAR), Araraquara, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/192068>>. Acesso em: 01 abril 2022.

VANCE, C. S. **A Antropologia Redescobre a Sexualidade**: Um comentário Teórico. Physis: Revista de Saúde Coletiva, [s. l.], v. 5, ed. 1, p. 7-32. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-73311995000100001>. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311995000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 11 março 2022.

WEEKS, J. O CORPO E A SEXUALIDADE. LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.cap. 2, p. 35-70. ISBN 85-86583-33-2